

A LIBIDO EM **FREUD** E O “DESEJO DE SER DEUS” EM **SARTRE**: **UMA POSSÍVEL RELAÇÃO?**

LA LIBIDO EN FREUD Y EL “DESEO DE SER DIOS” EN SARTRE: POSIBLE RELACIÓN?

LIBIDO IN FREUD AND THE “DESIRE TO BE GOD” IN SARTRE: A POSSIBLE RELATION?

MARCELO VINICIUS MIRANDA **BARROS**¹

RESUMO: Para Sartre, a libido não pode ser evidente por si mesma e não pode ser irreduzível a investigação, como quer a psicanálise freudiana. Ao invés da libido como energia da pulsão que impulsiona o sujeito na busca incessante de seu alvo, Sartre conceitua o Para-si (sempre consciência de alguma coisa que não é), que caracteriza a consciência humana e que está sempre questionando o seu ser, buscando ser completo ou “Desejando ser Deus”, que é a aspiração humana de encontrar fundamento para as suas ações. Ser Deus, fundamento de si e plenitude, é a tentativa do sujeito em preencher o seu vazio. Assim, interroga-se se o “Desejo de ser Deus” como a aspiração humana mais profunda não pode ser uma espécie de ferramenta, como a libido de Freud? Há uma possível relação entre essas duas premissas?

PALAVRAS-CHAVE: Sartre; Freud; Libido; Desejo de ser Deus.

RESUMEN: Para Sartre, la libido no puede ser evidente por sí misma y no puede ser la investigación irreductible, como el psicoanálisis de Freud teoriza. En lugar de la libido como energía de la unidad que impulsa al sujeto en la búsqueda incesante de su objetivo, Sartre conceptualiza el para-sí (siempre conciencia de algo que no lo es) que caracteriza a la conciencia humana y que siempre está cuestionando su ser, la búsqueda de la completude y el “Deseo de ser Dios”, que es la aspiración humana de encontrar bases de sus acciones. Ser Dios, el fundamento de sí mismo y la plenitud, es el intento del sujeto para llenar su vacío. Así que se pregunta si el “Deseo de ser Dios” como la más profunda aspiración humana no puede ser un tipo de herramienta, como la libido de Freud? Existe una posible relación entre estas dos conceptos?

PALABRAS CLAVE: Sartre; Freud; Libido; Deseo de ser Dios.

ABSTRACT: For Sartre, the libido can not be self-evident and can not be irreducible the research, how want freudian psychoanalysis. Instead of libido as energy it's pulse that drives the subject in relentless pursuit of their target, Sartre conceptualizes the condition of consciousness or of persona that never "is", who is always questioning yourself, seeking to be complete or "Desiring to be God", which is the human aspiration to find grounds for their actions. Be God, ground yourself and fullness, is the attempt of man to fill your empty. So wonders if the "Desire to be God" as the deepest human aspiration can not be a kind of tool, as the libido the Freud? There is a possible relationship between these two premises?

KEYWORDS: Sartre. Freud. Libido. Desire to be God.

INTRODUÇÃO

De antemão, por não ser nosso intento – e devido ao limite desta atividade por se tratar, aqui, de um artigo – vamos, em linhas gerais, deixarmos-nos cientes de que há pontos que são cruciais tanto em Sigmund Freud – como a explicação do conceito de pulsão e inconsciente – quanto à questão dos graus de consciência em Jean-Paul Sartre, como consciência reflexiva e pré-reflexiva (para outros comentadores, a consciência irrefletida seria mais bem empregada neste contexto), que não serão tocados aqui com tanto destaque. Esses pontos demonstram que esses autores não se reduzem a apenas um único conceito. O conceito de "libido" em Freud advém de uma construção teórica desde a primeira tópica à segunda tópica desembocando em outros conceitos importantes. Em Sartre, o desejo de ser Deus não se inicia em "O ser e o Nada", essa noção está implícita desde seus primeiros escritos filosóficos e de psicologia fenomenológica.

Grosso modo, em Freud, estabelece-se a ideia de pulsão nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", publicados em 1905 (FREUD, 1969). A pulsão, se diferenciando do instinto no que tange a sexualidade, não se limita as atividades de reprodução da espécie e outros repertórios somente biológicos, mas é um fator essencial para todo movimento da vida psíquica. Portanto, Freud estabelece uma nova compreensão da sexualidade humana, indo além do mero instinto sexual e, assim, inaugurando a pulsão sexual.

A pulsão sexual tem seu objeto de desejo, e a libido é o modo de investimento dessa pulsão. É evidente que a pulsão sexual acaba que sendo, aqui, uma síntese na teoria de Freud, mas esta é mais complexa, pois, por exemplo, ainda se incorpora um conjunto de pulsões de vida (Eros) e de morte. A libido, que é a energia da pulsão sexual, *entrelaça-se* a essas pulsões. Cabe ainda entender que isso é tratado na esfera do inconsciente, ou seja, ao discorrermos sobre o psíquico, em Freud, estamos considerando, dentre outros conceitos, o inconsciente freudiano. Este é, em linhas gerais, dados que o sujeito não conhece, mas que mesmo assim os move e os constitui na sua subjetividade, já que também no inconsciente se encontra a libido e as suas pulsões. Logo, ao falarmos do aparelho psíquico, há a relação com os representantes pulsionais que vem à consciência como registro do simbólico bem presente, dentre outros, nos sonhos e nos atos falhos. É por isso, além de outros conceitos, que Freud retira a primazia da razão, fazendo com que o inconsciente, que era mero apêndice da consciência, atue como protagonista a ponto de estruturar e determinar a subjetividade humana.

Já em Sartre, a consciência tem outro significado. A consciência sartreana se difere da de Freud por não mais se tratar de aspecto psicológico ou psíquico, mas sim estabelecer uma condição ontológica do humano que está para além da psiquê. De forma geral, Sartre realiza uma releitura da

“Intencionalidade”, que é um conceito recriado por Husserl a partir de Brentano, para afirmar que toda consciência é consciência *de* alguma coisa. Já em obras anteriores ao “O ser e o Nada” (2012), originalmente de 1943, como “A Transcendência do Ego” (2013), de 1937, o filósofo utiliza o conceito husserliano de “intencionalidade”. A partir dessa premissa, Sartre não encontra mais a necessidade de se falar em inconsciente, já que, assim, seria “inútil tentar invocar pretensas leis da consciência, cujo conjunto articulado constituiria sua essência: uma lei é objeto transcendente de conhecimento; pode haver consciência de lei, mas não lei da consciência” (SARTRE, 2012, p. 27).

Por isso, também em Sartre, não se pode confundir consciência com conhecimento. O conhecimento estaria na ordem da consciência reflexiva e não da consciência pré-reflexiva. Grosso modo, a consciência reflexiva é aquela que o sujeito conhece, sabe ou reflete sobre algo, já a consciência pré-reflexiva se trata de algo que antecede a reflexão propriamente dita, assim, a consciência pré-reflexiva é uma espécie de “conhecimento” não tematizado. Porém, para Sartre, a consciência irrefletida ou pré-reflexiva não é equivalente ao inconsciente freudiano. Não se compara a consciência irrefletida com o inconsciente, já que a consciência irrefletida é a condição para uma lembrança e a reflexão de um passado imediato, o que seria impossível se a ação humana fosse inconsciente (SARTRE, 2012).

É evidente, por motivos já expostos aqui, que estamos realizando um resumo sobre os conceitos e as diferenças entre esses dois autores, para nos situarmos e nos contextualizarmos com nosso objetivo aqui. Não há do mesmo modo a intenção de explorar mais os conceitos já mencionados, já que podem ser facilmente encontrados em outros materiais. Fizemos, ligeiramente, uma explicação e distinção entre os pensadores aqui referidos, contudo, agora, precisamos analisar se há, de alguma forma, pontos de confluências entre eles.

Entendido isso, seguiremos com nosso objeto principal, mas antes de entrarmos no questionamento sobre a possível relação entre a “Libido” da

teoria Freud e o “Desejo de ser Deus” na filosofia de Sartre, é preciso entender um pouco da Psicanálise Existencial sartreana e a visão desse filósofo francês em relação à Psicanálise Freudiana. Assim sendo, a Psicanálise Existencial de Sartre, apesar de pontos em comum com a Psicanálise de Freud (ou com os psicanalistas freudianos), que o filósofo francês a chamará de Psicanálise Empírica, aponta os pontos divergentes também. A divergência mais clara já pode ser intuída como a filosofia sartreana teceu sobre a consciência humana, o Para-si², que se volta para uma finalidade, para um fim ou para o “futuro”, escolhendo o seu projeto existencial. Assim, então, quando a Psicanálise Empírica se volta para o passado, para entender o ser humano, a Psicanálise Existencial se volta para o futuro. Isso é logo claro nas distinções do filósofo:

se é verdade que a realidade humana, como temos tentado estabelecer, anuncia-se e se define pelos fins que persegue, faz-se indispensável um estudo e classificação desses fins. Com efeito, no capítulo precedente, só consideramos o Para-si do ponto de vista de seu livre projeto, ou seja, do impulso pelo qual se arroja rumo ao seu fim (SARTRE, 2012, p. 682).

Já com essa afirmação de Sartre, sabe-se que um dos seus principais passos na Psicanálise Existencial é se voltar para o fim do projeto do sujeito. Mas, segundo o filósofo francês, os psicólogos empíricos (e aqui ele não especifica qual psicologia) reconheceram também que o ser humano, a realidade humana, se volta para uma finalidade, para um fim ou um futuro, é o que eles chamarão de desejo. Os seres humanos, então, para os tais psicólogos, se definem por seus desejos. “Foi o que pressentiu a psicologia empírica ao admitir que um homem em particular se define por seus desejos” (SARTRE, 2012, p. 682).

Se o ser humano é um Nada, como afirma a filosofia de Sartre, então a ideia de que se pode definir uma pessoa pelo seu desejo é totalmente equivocada e é um erro de tais psicólogos, fazendo destes vítimas de uma ilusão substancialista.

O desejo então é a substância para os psicólogos, para eles o ser humano é um ser desejante, ou a máxima: “somos seres desejantes destinados a incompletude, e é isso que nos faz caminhar”.

Mas, como manter o desejo como substância do ser humano, como afirmaram, além de determinados psicólogos, certos psicanalistas de que o ser humano é um ser desejante? Eles encaram o desejo como existente no indivíduo a título de uma espécie de “conteúdo”, porém como isso é possível se não podemos colocar nada dentro da consciência, se a consciência sempre é *intencionalidade*³? Evitam, então, uma espécie de transcendência, nos termos de Sartre, o qual afirma:

mas, se desejo uma moradia, um copo d’água, um corpo de uma mulher, de que modo esse corpo, esse copo, esse imóvel poderiam residir em meu desejo, e de que modo meu desejo poderia ser outra coisa que não a consciência desses objetos como desejáveis? Portanto, evitemos considerar tais desejos como pequenas entidades psíquicas habitando a consciência (SARTRE, 2012, p. 682).

Sartre já deixa clara a impossibilidade dos seres humanos serem desejantes usando-se dos conceitos básicos de sua filosofia: primeiro, *somos Nada* e por isso a existência precede e governa a essência, evitando qualquer tipo de substância como “desejos”; segundo, se toda consciência é consciência de alguma coisa, ela é projetiva, é intencional, e nada, então, poderá existir dentro dela. A consciência é projetiva e transcendente, já que a consciência é, por princípio, consciência *de* alguma coisa. Assim, há consciência de desejo e não desejo como uma espécie de substância ou existente por si só como uma entidade.

Essa crítica em relação aos desejos, até agora explanada aqui, pode dar conta de certas Psico-logias, mas a Psicanálise Empírica percebe isso e diz que o desejo não está na consciência ou coisa do tipo, como observou Sartre até a este momento, e, por isso, a tal psicanálise afirma que existe outra instância psíquica: o ID e é nela que está o desejo. Assim, se teoriza as três instâncias psíquicas na Psicanálise: ID, Ego e Superego.

O que nos interessa aqui é o ID, que é uma espécie de energia dos instintos e dos desejos em busca da realização do *princípio do prazer*, e que é de natureza inconsciente.

Mas, mesmo o ID não estando na consciência ou sendo consciente, ou seja, o desejo estando nessa ou é essa instância psíquica chamada ID e assim se afastando da ideia de que o desejo seria uma espécie de “conteúdo” na consciência, não agradaria Sartre, obviamente, pois todo ato mental tem seus conteúdos, caracterizados por sua direção a um objeto. Toda crença, desejo, tem necessariamente seus objetos: o acreditado, o desejado etc. Portanto, jamais o desejo pode ser uma causa, uma substância ou conteúdo do sujeito, porque desejo é ter consciência de desejo (retomando o conceito de *Intencionalidade*). O conceito de intencionalidade persiste ainda nessa teoria psicanalítica, sendo desnecessário, para Sartre, criar tais instâncias psíquicas como *substância* do sujeito. Não há necessidade de uma espécie ocultada de desejo latente a se manifestar, já, como bem discutido anteriormente, desejo é ter consciência de desejo.

Até o momento, cabe salientar, então, que para Sartre é um profundo erro considerar terminada essa investigação psicológica, já que uma vez chegando a essas teorias dos desejos empíricos, seja pela psicologia ou pela psicanálise, ainda é tudo muito superficial para tentar explicar o ser humano.

Sartre vai dizer que essas explicações psicológicas são tão superficiais como querer “conhecer as propriedades do fósforo e tentarmos reduzi-las à estrutura das moléculas químicas que o compõem. Mas, por que há moléculas desse tipo? Assim é – eis tudo” (SARTRE, 2012, p. 686). Para completar, Sartre dá um exemplo: “Dizem-nos, por exemplo, que Flaubert tinha uma ‘ambição desmedida’, e toda a descrição supracitada se apoia nesta ambição original” (SARTRE, 2012, p. 685), ou seja, classifica o escritor Flaubert numa “ambição desmedida” e todo o seu comportamento existe somente em função dessa classificação rasa.

Para Sartre, se torna inútil explicar a ação de Flaubert em *ser* escritor, devido a sua ambição,

os seus desejos, os complexos ou a tal ambição desmedida. Isso é tão inútil como dizer que ele era alto e ruivo. O que Sartre quer mostrar é que as ciências, principalmente as ciências que estudam o ser humano, como a Psicologia, não explicam o ser humano de fato, no máximo o descrevem através do empirismo.

Por exemplo, ao usarmos a Ciência Física, com a 1ª Lei de Coulomb, temos o princípio de que se dois corpos se atraem é porque tem cargas diferentes. E se eles se repelem é porque tem cargas iguais. Ou seja, a eletrostática é basicamente descrita por dois princípios, o da atração e repulsão de cargas conforme seu sinal — sinais iguais se repelem e sinais contrários se atraem (ASSIS, 2010), mas por que os sinais iguais se repelem e os sinais contrários se atraem? Por que os elétrons livres do induzido são atraídos/repelidos dependendo do sinal da carga do indutor? Por que há elétrons desse tipo? Porque, usando também a expressão de Sartre, assim é — eis tudo. A Física, ao analisar a natureza, entendeu o seu comportamento e a descreveu. Explicar porque os opostos se atraem seria a mesma coisa de explicar o porquê que os opostos se repelem se por acaso fosse um fato de que eles se repelissem, por exemplo. Ou seja, há uma descrição e não realmente uma explicação do fenômeno. Assim, eles se atraem, porque são opostos, mas se atraem porque somente são opostos? E se eles se repelissem por serem opostos? Diríamos: “os opostos se repelem”, por exemplo? Mas por que é assim? Então até que ponto uma ciência, principalmente a Psicologia, explica ou descreve um fenômeno? Isso é uma indagação que precisa ser feita e é o que Sartre faz em relação à Psicologia. Não estamos discutindo à física aqui, só a usamos como analogia.

Assim, retomando ao escritor Flaubert, Sartre vai dizer:

nem a hereditariedade, nem a condição burguesa, nem a educação podem explicá-la; muito menos ainda as considerações fisiológicas sobre o “temperamento nervoso” que estiveram em moda por algum tempo: o nervo não é *significante*; é uma substância coloidal que deve ser

descrita em si mesmo e não se transcende para fazer conhecido a si própria, através de outras realidades, aquilo que é. Não poderia, de modo algum, portanto, fundamentar uma significação (SARTRE, 2012, p. 686).

Antes de tudo, os componentes fisiológicos em si não têm significado algum, somos nós que damos um significado de acordo com o nosso projeto existencial. Na verdade, significando e res-significamos a toda hora o mundo que nos cerca. Assim, o sistema nervoso gera uma sensação e não o significado e o significante. O significado é aprendido e não dado pelo próprio sistema nervoso. É escolhido entre as facticidades⁴. Deste modo, Sartre nega uma explicação fisiológica, genética etc. do ser humano. Por exemplo, enquanto criança o sujeito sente uma sensação estranha no estômago, não sabe nomeá-la ou dar um sentido, até que, no mundo em que ele *escolheu* viver, existem pessoas, médicos que vão lhe dizer que o nome dessa sensação que ele sente é “fome”. “Fome” é uma palavra que carregará não só como uma nomeação daquilo que o sujeito não sabia, como a tal sensação estranha no estômago, como também todo o sentido cultural, social e, logo, pessoal que o rodeia. O significado e o significante aparecerão junto ao nome “fome” na realidade humana que surge devido ao Para-si, já que é pelo Para-si que a realidade humana vem ao mundo.

Sartre deixa claro que o ser humano não pode ser reduzido a sua hereditariedade, e é sabido pela Biologia que a genética, por exemplo, não é determinante, mas coadjuvante junto às influências ambientais. Temos também, aqui, a variação genética e a influência do meio ambiente ou meio social:

os pesquisadores da área da Genética têm justamente demonstrado que os fatores ambientais (não-genéticos) são fundamentais para a estruturação e o desenvolvimento do ser humano (DAL-FARRA; PRATES, 2004, p. 98).

O impacto do meio ambiente social tem, então, um papel na hereditariedade, pois o hereditário não é determinista. Qualquer um pode

pesquisar os avanços de hoje sobre a genética e o comportamento humano e verá que a genética não é determinante. Diversas décadas de estudos com irmãos gêmeos idênticos, famílias e crianças adotadas, demonstraram que cerca de parte de nossas características comportamentais, encontram-se sob influência direta da genética (e mesmo assim, isso, é o que Sartre pode considerar como facticidade). No entanto, procurar um gene responsável pela personalidade extrovertida, pela fluência verbal ou pela facilidade para aprender música é tarefa inglória. Começam também a ser descritas as primeiras modificações duradouras na estrutura molecular dos genes, causadas por influências sociais e estímulos do ambiente humano (DAL-FARRA; PRATES, 2004). Os efeitos da mesma informação social sobre as funções cerebrais, por exemplo, que sofrem influência dos genes envolvidos no comportamento, diferem de um indivíduo para outro, como as impressões digitais. Nunca são iguais. Assim, como explicar que a hereditariedade é responsável, se existe o meio ambiente que influencia o comportamento humano, não se resumindo este aos genes?

Dal-farra e Prates (2004) vão dizer que é problemática a tendência das pessoas em transpor o comportamento humano para o determinismo neurogenético, sugerindo que os genes determinam o comportamento, e não apenas o influenciam, em consonância com o ambiente social.

Assim, resolvendo a questão fisiológica de que esta não determina o sujeito, pode-se então entrar em outra questão: o ser humano, então, pode ser determinado socialmente, já que os genes por si só não determinam? São os estímulos do ambiente que podem exercer determinações do comportamento humano? Mesmo assim, o sujeito ainda não é determinado pelo meio ambiente, para Sartre, mesmo que esteja agora na esfera do ambiente social, pois tais ambientes sociais, como as relações sociais que se tem com os amigos, a família, os costumes, a cultura, a geografia em que se mora, o tipo de comida em que se escolhe comer, o modelo de educação que se procura obter etc. são nada mais que componentes de um projeto existencial,

e, como todo projeto, exige escolhas. Logo esse ambiente social, descrito pelos psicobiólogos é manifestado no e para um projeto escolhido, onde tudo isso pode se manifestar, já que o sujeito poderia escolher tais e tais amizades ou país, tais e tais formação, como querer ser médico, engenheiro etc. No mais, tudo isso é facticidade que permite a liberdade sartreana, como visto aqui. Por exemplo, se Pedro é brasileiro, cabe salientar que nem todo brasileiro é Pedro. A liberdade sartreana existe na sua singularidade.

Resumindo o porquê de a consciência não ser determinada ou a existência da liberdade sartreana, tem-se a afirmação de Sartre sobre o Nada:

esse nada, como vimos, ela tem-de-sê-lo em múltiplas dimensões: primeiro, temporalizando-se, ou seja, sendo sempre à distância de si mesmo, o que significa que não pode deixar-se determinar jamais por seu passado para executar tal ou qual ato; segundo, surgindo como consciência de algo e (de) si mesmo, ou seja, sendo presença a si e não apenas si, o que subentende que nada existe na consciência que não seja consciência de existir, e que, em conseqüência, nada exterior à consciência pode motivá-la; por último, sendo transcendência, ou seja, não algo que *primeiramente* seja para colocar-se *depois* em relação como tal ou qual fim, mas, ao contrário, um ser que é originalmente projeto, ou seja, que se define por seu fim (SARTRE, 2012, p. 559).

Assim, além dessa afirmação de Sartre sintetizar o que se comenta sobre a não existência do determinismo, mesmo enquanto móbil, para a consciência, esclarece ainda que só porque não há determinismo, de forma alguma Sartre diz que é algo arbitrário ou caprichoso. Veja que a consciência está sempre em situação, e que ele se orienta não pelo seu passado, mas sim pelo seu futuro, sua finalidade, que foi devido uma escolha. E a escolha e a finalidade não são separadas, na verdade é uma coisa só, e escolher é ser consciente. Dessa forma, não tem necessidade de um inconsciente ou ambiente determinando a consciência e nem por isso a consciência é sinônimo de capricho ou arbitrariedade.

E por ser um projeto, que o sujeito escolhe, as coisas farão sentido a partir do ponto em que as escolheram. Assim, as coisas são nada mais que significações, são os sentidos projetados em um mundo e por isso, “o mundo nos devolve exatamente, por sua própria articulação, a imagem do que somos [...] Escolhemos o mundo – não em sua textura Em-si – escolhendo a nós mesmos” (SARTRE, 2012, p. 571).

Assim, Sartre compreende que explicar o comportamento humano, seja pelo meio ambiente ou pela hereditariedade / fisiologia, nos leva ainda a uma insatisfação. Mas, se tem que tomar cuidado para que não caiam ao infinito de fenômenos que tenta explicar o comportamento humano, o que seria um absurdo; contudo, resumir o ser humano a essas explicações psicológicas (como o desejo) e fisiológicas (como a genética ou hereditariedade) é ainda muito superficial. Por isso, Sartre afirma:

o que exigimos – e que jamais tentam nos proporcionar – é, pois, um *verdadeiro* irreduzível, ou seja, um irreduzível cuja irreduzibilidade nos fosse *evidente*, e que não nos fosse apresentado como o postulado do psicólogo e o resultado de sua recusa ou incapacidade de ir mais longe, mas sim cuja constatação produzisse em nós um sentimento de satisfação. E esta exigência não deriva desta incessante perseguição da causa, desta regressão ao infinito que se costuma descrever como constitutiva da investigação racional e, por conseguinte, longe de ser específica da pesquisa psicológica, encontrar-se-ia em todas as disciplinas e em todos os problemas (SARTRE, 2012, p. 686, grifo do autor).

Sartre diz que a natureza racional que força o ser humano a sempre a investigar, levá-lo-ia ao infinito do comportamento humano, mas tão pouco não devem se contentar com a explicação psicológica, já que o que buscam, pelo menos, é a satisfação e algo como explicado. O que não se trata de questionamentos ingênuos de uma explicação que não permitisse nenhum outro questionamento ou um “por quê?”. O que o filósofo quer afirmar, então, que é uma exigência fundamentada que evitaria que o indivíduo fosse uma espécie de argila indeterminada que receberia passivamente

as explicações. Porque, assim, o sujeito desaparece ou deparam com substâncias metafísicas, inúteis e contraditórias (SARTRE, 2012).

Não se pode então, se deter em investigação sem antes que fique evidente que não pode e nem deve ir mais longe. Contudo, deve-se renunciar a detalhes irreduzíveis (como o conceito de desejo, dos psicólogos), pois não se deve tentar reconstruir uma pessoa por suas inclinações ou tendências. Ao invés de partes para se somar e reconstruir uma pessoa, deve-se considerá-lo no seu todo. Para ficar claro, Sartre dá um exemplo:

por exemplo, se digo que um de meus amigos “gosta de remar”, proponho deliberadamente interromper a investigação nesse ponto. Mas, por outro lado, constitui um *fato* contingente que nada pode explicar e que, se tem a gratuidade da decisão livre, não possui de modo algum a autonomia desta. Com efeito, não posso considerar esta inclinação para o remo como o projeto fundamental de Pedro; ela traz em si qualquer coisa de secundário e derivado (SARTRE, 2012, p. 687-688, grifo do autor).

O que Sartre tenta clarear com o exemplo é que explicar a tendência de Pedro para o remo é torná-lo um membro da família das tendências para os esportes ao ar livre. E para piorar a explicação, corre-se o risco de encontrar descrições mais genéricas e mais simplórias, caso classifiquemos o gosto pelo esporte como um aspecto do amor ao risco etc.

Mas, isso tudo pode levar a um problema, que Sartre imediatamente percebeu e nos indagou: “E como acreditar em um desejo de remar que seja *apenas* desejo de remar? Pode-se admitir verdadeiramente que se limite de modo tão simples a ser aquilo que é?” (SARTRE, 2012, p. 688). Só que, para Sartre, não se trata aqui de buscar um abstrato detrás do concreto. O filósofo inverte a questão e diz que é sob aspectos parciais e incompletos do sujeito mesmo readquirir a verdadeira concretude, que terá uma relação original consigo mesmo, com o mundo e com o Outro, que, numa relação interna, apresenta seu projeto fundamental. A ideia é descobrir a pessoa no projeto inicial que a

constitui. A cada ato o sujeito é completo e todo o seu projeto se aparece ali. Não devem acreditar que cada ato são pequenos “quebra-cabeças” que irão montar um sujeito, ele já está “montado” ou completo em cada ato em si.

Por isso, “limitarmos” ao desejo de remar não é necessariamente um limite, mas é considerar este ato de remar como desvelar completo do seu projeto, e que por isso não há necessidade de montar o ato de remar com a paixão pelo esporte, que por sua vez o levaria para amor ao ar livre, a natureza etc. Não, cada ação manifesta no sujeito é completa e não é em partes. Ou seja, “em cada inclinação, em cada tendência, a pessoa se expressa integralmente [...] sendo assim, devemos descobrir em cada tendência, em cada conduta do sujeito, uma significação que a transcenda” (SARTRE, 2012, p. 690).

O que Sartre tenta fazer, diferente dos psicólogos que procuram realizar uma soma ou recomposição dessas tendências, é uma *comparação* entre diversas tendências empíricas de um sujeito para destacar o projeto fundamental comum a todos, por isso que em cada tendência acha-se o sujeito na sua inteireza (SARTRE, 2012).

A cada ato, gesto, palavras trazem revelações do sujeito na sua inteireza, e nessas revelações estão os sentidos dessas manifestações. Até porque, seguindo o exemplo, o ato de remar está contido no e para uma situação e projeto existencial do sujeito em questão. Na verdade, o ato de remar é um modo de realizar um projeto. Por isso, que não devem ver o todo como a soma de suas partes, partes estas que os psicólogos tanto investigam.

No simples ato, todo o projeto está em questão. Por exemplo, se neste momento o sujeito escreve este relatório sobre a obra filosófica de Sartre, há todo um projeto em questão aqui: sua vontade de aprender filosofia, de seguir com sua bolsa de pesquisa, de se formar, de já estar com uma finalidade que é se preparar para um mestrado futuro, ser reconhecido como estudante da tal área, que por sua vez é um estudante com condições financeiras tais, em um país que oferece determinando tipo de educação, que envolve tal facticidade que com

uma outra escolha não apareceria para ele ou não teria tais significados as tais facticidades etc. Ou seja, este ato aqui e agora implica num projeto muito maior. Não precisa somar: ato de realizar este relatório com o tema que é filosofia, com a graduação, com o tipo de educação que escolheu e com o tipo de condições socioculturais em que se encontra etc., para se ter ideia do que se trata. Não há soma, há expressão integralmente neste ato e isso não é pouco:

embora a maioria das pessoas possa, com efeito, negligenciar as indicações contidas em um gesto, uma palavra, uma expressão significativa, e equivocar-se a respeito da revelação que trazem, cada pessoa humana não deixa de possuir *a priori* o *sentido* do valor revelador dessas manifestações, nem de ser capaz de decifrá-las, na pior hipótese se bem auxiliada e conduzida (SARTRE, 2012, p. 696).

Por isso que Freud valoriza muito o ato falho. Na psicanálise, o ato falho tem um significado psíquico pleno e revela muito mais do que se possa supor superficialmente. É uma ferramenta que a psicanálise utiliza como porta de “acesso” ao inconsciente do ser humano. São fragmentos do que está guardado no inconsciente e que escapam em algum momento, através de palavras ou gestos, por exemplo. Assim, para Sartre os atos falhos, como qualquer tipo de ato, são importantes também, mas não para se utilizar como porta de “acesso” ao inconsciente, como quis Freud, já que sabemos que Sartre elimina o conceito de inconsciente, bem demonstrando na sua obra “O Ser e O Nada”, mas sim como um revelador do projeto de um sujeito. O sentido de um ato falho “aponta” para a existência do indivíduo como um todo e se equivale a outros significados presentes no projeto existencial do sujeito. Não há necessidade de um conceito de um inconsciente freudiano, por exemplo, pelo contrário, por o sujeito viver em um mundo de possibilidades e a angústia que isso manifesta nele, já que ele sempre é obrigado a escolher, admitir ilimitadas perspectivas, fazendo com que esse sujeito tenda a “imaginar” outras existências para responder a essa que chamam

de real ou projeto, que ele escolheu, através de atos falhos, como qualquer tipo de atos ou até mesmo em sonhos. Sonhar é também escolher outra realidade.

A LIBIDO FREUDIANA E O “DESEJO DE SER DEUS” EM SARTRE

Toda essa introdução é para salientar o quanto o Desejo está presente em determinadas psicologias e psicanálises e para questionarmos até onde o “Desejo de ser Deus”, em Sartre, difere da Libido, em Freud?

A Psicanálise vai afirmar que a mãe ou quem exerce a função materna é a pessoa responsável, e que se torna o primeiro objeto de desejo da criança. Como diz Freud:

a libido segue aí os caminhos das necessidades narcísicas e liga-se aos objetos que asseguram a satisfação dessas necessidades. Desta maneira, a mãe, que satisfaz a fome da criança, torna-se seu primeiro objeto amoroso e, certamente, também sua primeira proteção contra todos os perigos indefinidos que a ameaçam no mundo externo – sua primeira proteção contra a ansiedade. (FREUD, 1996, p. 14).

O que é demonstrado na citação acima é que a libido da criança tem um destino certo ao qual garante o prazer por ter um objeto disponível para realizar a descarga de suas tensões. Enquanto adulto a libido continuará “movendo” o ser humano. Na verdade, a Pulsão é que move o sujeito, enquanto a libido é a energia da pulsão. Mas, o que é pulsão, de fato? É um “processo dinâmico que consiste numa pressão ou força que faz o organismo tender para um objetivo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1995, p.394). Na medida em que a pulsão representa uma força que exerce uma “pressão”, a libido é definida por Freud como energia dessa pulsão:

energia postulada por Freud como substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (deslocamento dos investimentos), quan-

to à meta (sublimação, por exemplo) e quanto à fonte da excitação sexual (diversidade das zonas erógenas (LAPLANCHE; PONTALIS, 1995, p. 403).

Não vamos adentrar muito na teoria da Libido em Freud, não é o nosso propósito aqui, pois o nosso foco é a visão sobre a Libido pelo viés de Sartre e nosso questionamento se o “Desejo de ser Deus”, em Sartre, se difere da Libido, em Freud.

De início, podemos encontrar a afirmação de Sartre que diz sobre a tentativa do Para-si se tornar completo, não ser mais um Nada, ou seja, ser Em-si-Para-si ou Deus, mesmo que seja uma tentativa fracassada:

daí por que o possível é o projeto em geral como aquilo que falta ao Para-si para converter-se em Em-si-para-si; e o valor fundamental que preside esse projeto é justamente o Em-si-Para-si, ou seja, o ideal de uma consciência que fosse fundamento de seu próprio ser-Em-si pela pura consciência que tomasse de si mesmo. É este ideal que podemos chamar de Deus (SARTRE, 2012, p. 693).

Sartre (2012, p. 692) continua ao afirmar que “o homem é fundamentalmente *desejo de ser*, e a experiência desse desejo não deve ser estabelecida por uma indução empírica”. Ou seja, a experiência desse desejo não pode ser estabelecida por uma indução empírica, porque cada tendência empírica do sujeito existe como projeto original que tem uma relação simbólica e não exterior concreta passiva de empirismo. Assim, por ser simbólica, a realidade humana aparece *manifestada* por tal sujeito em particular, com as suas singularidades, que não pode ser apreendida por princípios psicológicos universais.

Daí que Sartre se afasta da Psicologia e se aproxima da Psicanálise freudiana, já que tanto a Psicanálise Existencial e a Psicanálise de Freud (ou a psicanálise empírica) buscam uma ação fundamental em situação e que exigem ser reconstruída segundo leis de sínteses específicas. Mas, Sartre logo mostra as diferenças também:

a psicanálise empírica procura determinar o *complexo*, cuja própria designação indica a

polivalência de todas as significações conexas. A psicanálise existencial trata de determinar a *escolha original* (SARTRE, 2012, p. 697).

Percebe-se que a escolha original, na psicanálise existencial de Sartre, é quase que análoga ao complexo, na psicanálise empírica de Freud. Essa escolha que se produz frente ao mundo, a cada fazer, é escolha de posição no mundo e é total como o *complexo*, é ela que escolhe a atitude da pessoa com relação à lógica e aos princípios da razão, assim, se ela não está em conformidade com a lógica, para Freud, teve, então, uma necessidade de um inconsciente, já para Sartre, teve uma necessidade de uma consciência pré-reflexiva⁵, já que o inconsciente não é possível no existencialismo sartreano, pois se existe escolha para uma atitude da pessoa, só é possível escolher se é consciente. Além do conceito de *Intencionalidade* não permitir alguma espécie de inconsciente. A escolha original é também o centro de referência pré-lógica de uma infinidade de significações.

Para Sartre, a libido não pode ser evidente por si mesmo e não pode ser irreduzível a investigação, como quer a psicanálise freudiana. Ao invés da libido como energia da pulsão que impulsiona o sujeito na busca incessante de seu alvo, através de uma “escolha” inconsciente, “na medida em que se fundamenta sobre a *falta de ser*, concebida como caráter fundamental do ser, tal escolha recebe legitimação *como escolha*, e sabemos que não precisamos ir mais longe” (SARTRE, 2012, p. 699, grifo do Sartre). O que Sartre coloca aqui é o conceito do Para-si e suas escolhas, como já visto, sendo desnecessária a libido, já que o Para-si está sempre questionando o seu ser, e assim fazendo escolhas, intencionalidades para coincidir consigo mesmo, tentando ser um Em-si-Para-si ou Deus.

Então Sartre pode até não negar a libido, contanto que esta só exista quando o sujeito a compreenda, quando a transforma em situação, ou seja, faça parte do seu projeto. Assim, é a escolha ontológica que permite a existência de uma libido e não o contrário. E ainda Sartre poderia enxergar a libido como uma facticidade carente

de sentidos, que poderá tê-los através de uma escolha ontológica. Assim, qualquer explicação sobre complexos freudianos deve se remeter ao Para-si Escolhedor.

Mas, com tudo isso, nós não poderemos ignorar uma observação interessante feita por Sartre, no final de sua obra “O Ser e O Nada”, a respeito da libido, pois nos despertou um questionamento que pode ser a favor da psicanálise freudiana, já que aqui estamos procurando uma leitura honesta, uma compreensão séria de um sistema filosófico. Encontramos, então, uma afirmação:

a libido freudiana é, evidentemente, um simples postulado [...] e decerto é preciso que não tenha método, já que ela é que permite lançar as bases de um método psicanalítico (SARTRE, 2012, p. 735).

A libido, então, para Sartre, pode ser um postulado, mas o “Desejo de ser Deus” também não pode ser um postulado sartreano? Sartre, como já analisado, afirma que ser homem é tender a ser Deus; ou, se preferirem, o homem é fundamentalmente desejo de ser Deus. Em outras palavras, para o filósofo, o homem é um ser que “projeta tornar-se Deus” (ou o Em-si-Para-si), porque, como sabido, o Para-si, que não coincide nunca, procura se tornar completo, procura por seu próprio fundamento, mesmo que fracasse sempre nessa empreitada. O filósofo ao afirmar que “o projeto fundamental da realidade humana é a afirmar que o homem é o ser que projeta ser Deus [...] Ser homem é propender a ser Deus; ou, se preferirmos, o homem é fundamentalmente desejo de ser Deus” (SARTRE, 2012, p. 693), exige uma reflexão que nos leve a questionar se o “desejo de ser Deus” como a aspiração humana mais profunda não pode ser uma espécie de ferramenta, como a libido de Freud?

Entendemos que “Desejo de ser Deus” é uma ferramenta para explicar a existência humana e seu comportamento no existencialismo de Sartre. Dessa forma, a libido de Freud também não poderia ser uma ferramenta para explicar o comportamento humano? Será que a libido freudiana

é, evidentemente, um simples postulado, como também é o “Desejo de ser Deus” para o existencialismo sartreano? Ou seja, são somente instrumentos desses dois pensadores, mas que Sartre não percebeu que a libido em Freud pode ter o mesmo propósito como “Desejo de ser Deus”?

Se, como quer Sartre, a escolha original, na psicanálise existencial, é quase que análoga ao *complexo* da psicanálise empírica, será, então que a libido freudiana é um utensílio que procura explicar o homem, assim como Sartre procura descrevê-lo ou explicá-lo com seu conceito de “Desejo de ser Deus”?

Se buscarmos o conceito de libido em Freud, sabemos que pessoas adoecem de neurose quando são impedidas de satisfazer sua libido, por exemplo. Assim, faz com que o sujeito siga sempre buscando a satisfação plena, no caso de Freud, ou a completude ou ser Em-si-Para-si ou ser Deus, no caso de Sartre. Por isso a importância, em Freud, do papel da libido e seu investimento na fantasia. E, como sabido na teoria clássica da psicanálise, o termo fantasia designa a imaginação, o mundo imaginário, os seus conteúdos, a atividade criadora que o anima; logo fantasia é sinônimo de escolha. Claro, essa escolha para Freud é inconsciente, mas não impede de falarmos de escolha sartreana, já que para Sartre se o suposto inconsciente é capaz de escolher, logo só se escolhe quando é

consciente. Assim, a fantasia, mesmo em Freud, é a prova da liberdade em Sartre, já que a liberdade significa autonomia de escolha.

E se para Sartre o homem se angustia, porque se vê compelido a fazer a escolha e fazer escolha é tentar ser Em-si-Para-si ou “Desejo de ser Deus”, a fantasia para Freud é também escolha, escolher o mundo imaginário que, investida pela libido, o sujeito pretende preencher sua falta, se satisfazer, ser completo ou, para Sartre: ser Deus. Assim, fica a questão: se para a Psicanálise Existencial sonhar é também escolher outra realidade, é a prova de que o sujeito é livre, o que seria então a fantasia freudiana senão escolha? Tanto a libido de Freud como “Desejo de ser Deus” em Sartre são ferramentas? Há uma sintonia entre esses dois pensamentos? Ou uma releitura possível da libido pelo viés de Sartre, o qual, este, supostamente não resolveu pensar a respeito disso?

Por fim, persiste a pergunta: será que Sartre não cogitou a libido da Psicanálise Empírica como ferramenta, da mesma forma como é o “Desejo de ser Deus” da Psicanálise existencial, pelo menos da maneira que tecemos aqui? Isso parece possível, contudo, esta pesquisa não se esgota aqui, devido ao fato de se tratar de uma temática ampla e complexa para ser abarcada em um único artigo.

■ Contextura

NOTAS

1. Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS e mestrando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, com pesquisas na filosofia de Jean-Paul Sartre. É membro do GT de Filosofia Francesa Contemporânea, da ANPOF, e integrante do grupo de pesquisa ‘Fenomenologia e Existencialismo’, da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF/CNPq. Foi bolsista do projeto de pesquisa ‘Sartre e as fronteiras da escolha’, financiado pelo CNPq/UEFS. Fez parte da equipe editorial da Revista Ideação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Em Filosofia - NEF/UEFS. Foi editor da Revista de Filosofia Sísifo. Atua principalmente nas seguintes áreas e temas: existencialismo, fenomenologia, filosofia da psicologia, filosofia social, corpo e subjetividade.
2. A consciência humana é peculiar, por isso é conceituada como Para-si. É o Para-si que faz as relações temporais e funcionais entre os seres do mundo (Em-si) e ao fazer isso constrói um sentido para o mundo em que vive, que é melhor entendido como o projeto existencial. O ser humano, então, é o Para-si, que a rigor é o Nada, pois a consciência não tem conteúdo, não é coisa alguma. O sujeito reconhece-se, então, como não-ser em busca do ser. Mas esse Nada é justamente a liberdade fundamental do Para-si, que, movendo-se através das possibilidades, poderá “criar-lhe conteúdo” (SARTRE, 2012).

3. Intencionalidade é o conceito de Husserl, adotado por Sartre, para afirmar que toda consciência é consciência de alguma coisa.
4. Facticidade é a característica de ser um fato. É o nome que filósofos, como Heidegger e Sartre, dão àquele aspecto da existência humana que é definido pelas situações em que nos encontramos. A facticidade inclui todas aquelas minúcias fatuais acerca das quais não se tem nenhum controle. É o caso da data do nosso nascimento, os nossos pais, ou o país em que nascemos. Ou o caso de todos termos de morrer um dia. Para Heidegger e Sartre, a facticidade é muito importante, porque constitui a base necessária de todas as nossas ações. Apenas somos livres em situação. A nossa liberdade de ação, a nossa capacidade de transcender as nossas circunstâncias, sempre o foi contra um contexto de facticidade. Segundo Heidegger, é só na facticidade da sociedade, em termos de uma identidade e um sistema de valores, que nós próprios escolhemos, que exercemos a “decisão” pessoal que define a nossa existência (MAUTNER, 2010).
5. Sartre procura refutar o inconsciente freudiano utilizando, dentre outras premissas, questões como: como o inconsciente age com discernimento, censura, e sabe o que deve ou não reprimir um desejo, se não é consciente? Como a tendência reprimida pode disfarçar-se, já que não contém: a consciência de ser reprimida; a consciência de ter sido rejeitada por ser o que é e um projeto de disfarce? Assim, já que para Sartre se o suposto inconsciente é capaz de “escolher”, logo só se escolhe quando é consciente. Por isso, na filosofia Existencial de Sartre conceitua a consciência pré-reflexiva, que não é análogo ao inconsciente, e embora seja uma consciência que não nos proporcione conhecimento, ela se encontra em sua perfeita translucidez, podendo gerar conhecimento. Além do mais, não se pode confundir consciência com conhecimento (SARTRE, 2012).

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Andre Koch Torres. *Os Fundamentos Experimentais e Históricos da Eletricidade.*, São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.
- DAL-FARRA, Rossano André; PRATES, Emerson Juliano. *A Psicologia Face aos Novos Progressos da Genética Humana*. *Psicol. cienc. prof.* vol.24 no.1 Brasília mar. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 18/01/2016.
- FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros Trabalhos* (1927). in ESB, *Obras Psicológicas Completas*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MAUTNER, Thomas. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo/São Paulo: Editora Edição 70, 2010
- SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e O Nada: Ensaio De Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes; 21ª Edição – 2012.